

Memória, Experiências e Perspectivas da Comunicação Alternativa no Território Sertão São Francisco¹

Uilson Viana de Souza²

Resumo:

A produção seguinte trata de um artigo que traz em sua abordagem três aspectos voltados para a comunicação alternativa na região de Juazeiro Bahia, atualmente constituída de Território Sertão do São Francisco. O primeiro aspecto busca resgatar um pouco da história e memória da comunicação popular, pautada na organização, tendo como mentor deste processo a Diocese de Juazeiro Bahia, por meio de sua linha libertadora. Outro aspecto é reconhecer de que maneira isto influenciou na militância de alguns comunicadores, levando estes a alçar novos vãos. Nesta mesma ênfase procuraremos visualizar algumas experiências de comunicação alternativa presentes no contexto atual deste território. Por fim entender o que tem buscado de propostas concretas as lideranças e instituições que defendem outro modelo de comunicação.

Palavras-chave: memória, organização popular, militância, experiências, propostas.

1.O trabalho da Diocese de Juazeiro na linha da Comunicação alternativa

Surgida a partir dos movimentos populares da década de 70 e 80, a comunicação alternativa tem como objetivo representar a expressão dos movimentos sociais, dar vez e voz aos excluídos. Este princípio comungava também com o que pregava a teoria da Libertação da Igreja Católica, quando pregou a opção pelos pobres. Aqui em Juazeiro esta linha mais libertadora da igreja foi disseminada pelo seu Bispo, na época o Dom José Rodrigues.

1 – território é a forma como estão organizadas e separadas as regiões do estado da Bahia, identificadas por suas características regionais. O território Sertão São Francisco é formado por dez municípios, sendo eles: Juazeiro, Remanso, Curaçá, Pilão Arcado, Sobradinho, Uauá, Canudos, Sento Sé, Campo Alegre de Lurdes e Casa Nova.

2- Graduando do 5º Período do curso de Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo e Multimeios pela Universidade do estado da Bahia.

Comungando da idéia de que quem estava isolado, excluído também tinha vez e voz, entendendo que o sujeito era dono de sua história a igreja tornou-se um importante instrumento comunicativo tanto nas causas sociais, como nas próprias pregações expressadas pelo padre durante a missa.

O trabalho voltado para a comunicação iniciou pelo CEDICA – Centro Diocesano de Comunicação³, onde através de programas de rádios, as notícias eram pautadas por comunicadores populares que ficavam nas paróquias da diocese, pautavam as causas populares. O período que desencadeou esta experiência, culminando com outras lutas é datado dos anos 80 e 90. Em entrevista, Raimundo Fabio, um dos comunicadores do CEDICA na época, diz que o que era pautado eram as lutas do povo, como a questão da convivência com o semi árido, a legalização de terras, o fim do latifúndio, a luta pela água, pela energia, além de outros problemas sociais, como a questão da terra, a luta por melhores condições para os pescadores, os aposentados. Diante desta conjuntura é que se viu na comunicação um caminho para expressar o sofrimento do povo e os desejos de mudança.

Desta forma adotou-se um formato, onde haveria em cada cidade um correspondente popular, transmitindo a notícia local. Fabio lembra ainda que o principal objetivo do programa de rádio do CEDICA era dar voz e vez às populações que eram desprovidas deste direito. Tornando também um espaço para as associações, sindicatos. A Diocese entendia que ali estava dando a voz e a vez a aqueles que nunca tinha tido espaço nos meios de comunicação locais. Programas como: celebrando a verdade, participação e comunhão, e a voz do velho Chico, tornaram palco dos pobres na busca de seus direitos.

Os comunicadores recebiam uma capacitação promovida pelo CEDICA, tendo como responsável, o seu coordenador Moises Almeida que foi também locutor, hoje professor universitário, além de contar com outros assessores que vinham de outras cidades, para contribuir na discussão de assuntos específicos. A formação servia de subsídio para os comunicadores terem noções mínimas de como conduzir uma entrevista e como proceder diante de um público diversificado e com uma cultura demarcada pela exclusão social e o anseio pela busca de seus direitos. Por exemplo, como proceder quando um agricultor, pescador ou aposentado fosse usar do espaço da rádio, possibilitando uma linguagem que levasse o ouvinte a entender que ele estava por meio do rádio externando algo que lhe fora negado.

Raimundo ao falar desta interação com os problemas do povo, afirma: "A gente ia nos sindicatos ver a luta dos agricultores para aposentar e como o governo os tratavam ,no rio ver a situação dos pescadores".(FABIO,2010)

Esta luta continua ate hoje, na perspectiva de mostrar um novo olhar a partir da denuncia de realidades como estas.

Vale ressaltar aqui a contribuição deixada por este trabalho tanto na Diocese, quanto na vida daqueles comunicadores. Muitos deles deram continuidade a exemplo de Fabio que se graduou em Jornalismo pela UNEB e outros que estão na imprensa comercial ,como Ailton Neri e Josenaldo,atualmente jornalista da TV São Francisco.Isto mostra o papel importantíssimo exercido pelo processo de formação adquirido neste modelo de comunicação que tem primado pela qualificação do profissional,com foco no lugar onde esta pisando,formando um profissional critico capaz de dialogar com as bases sem perder de vista o foco da noticia .

Uma característica muito presente na comunicação alternativa é a formação adquirida pelos comunicadores,que os fazem diferentes dos profissionais da mídia comercial no sentido de ter uma bagagem que vai alem da universidade.Não deixando preso a uma pauta,ou a um release,mas pode sim envolver-se com o fato ,dentro de uma subjetividade voltada para a interação com as causas dos autores envolvidos e não de formar uma opinião,ou persuadir.Esta talvez seja uma das principais causas que tem levado uma serie de jornalistas a não optarem por esta mídia,já que em sua maioria ,vem apenas de uma formação acadêmica ,onde tem uma tendência voltada para os grandes meios.

2. Experiências concretas:

As organizações sociais e outro modelo de fazer comunicação social

A trajetória da comunicação pautada na experiência da Diocese, casada com todo trabalho social, como vimos, possibilitou a alguns comunicadores a continuidade do trabalho,seja na linha comunitária,bem como na imprensa comercial da região.Este trabalho contribuiu ainda para o surgimento de organizações populares,a exemplo do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA. Instituições como estas foram criadas com o objetivo de semear o sonho da transformação social. Sonho este alicerçado pela ação libertadora da igreja católica,que pregava a opção pelos

pobres. Desta forma estes organismos conhecidos como Organizações Não Governamentais tem pautado a comunicação de forma diferenciada dos meios convencionais existentes na mídia comercial.

Em seu organograma a comunicação tem sido tratada de forma específica, onde ela é vista como meio de interligação com os outros setores da organização. Para isto existe nesta estrutura uma equipe específica de comunicação, onde mantém uma relação direta com os outros setores, organiza e alimenta seus espaços e redes sociais, como blogs, sites e boletins internos. Citamos o IRPPA como um destes exemplos, mas poderíamos aqui discorrer por inúmeras páginas as diversas experiências desenvolvidas por entidades dos movimentos sociais nesta linha. A comunicação alternativa por muito tempo era conhecida como o patinho feio da história da comunicação brasileira. Aquela aprendida na universidade como a forma artesanal de fazer notícia, sendo reproduzida por isto como algo feio, pobre e muito simples.

Mas o que queremos registrar é que esta história vem mudando e se faz necessário destacar o potencial produtivo destas entidades no sentido de se tornarem fontes de informação tanto para outros meios, bem como para o leitor que tem buscado emergir numa outra leitura de mundo, a partir da publicação de seus trabalhos e do noticiário dos veículos alternativos, que tem buscado dar ao leitor uma posição sobre os fatos, sem se iludir com a tão pregada imparcialidade da notícia. Por outro lado a grande mídia nos disponibiliza a notícia dentro do seu formato desejado, primando pela linha editorial da empresa e a objetividade que assegura aos cidadãos a manutenção do status “quo”.

O fórum de Comunicação: um articulador na busca pelo direito e o acesso à comunicação no Território Sertão do São Francisco.

Criado em Setembro de 2009, o fórum é um espaço de discussão e articulação entre pessoas e entidades, que visa discutir estratégias e implementar ações voltadas para a efetivação da comunicação como direito humano, assim como a saúde, a educação, a segurança são direitos.

Com este pressuposto, o fórum tem buscado ao longo destes três anos de existência, desenvolver um trabalho onde possibilite agregar pessoas e entidades que congreguem dos mesmos objetivos voltados para o acesso e a democratização da comunicação. O território que contempla dez municípios, tem-se destacado neste particular com algumas experiências concretas de comunicação alternativa. As rádios

comunitárias é um exemplo disto. Presentes em seis dos dez municípios do território, estas tem buscado primar pelos princípios que prega a legislação e a fundamentação de uma emissora comunitária ,o fórum tem atuado junto a estas, buscando contribuir com a gestão e a produção de conteúdos.

Alem das rádios comunitárias, existem também duas rádios postes na cidade de Juazeiro, apoiadas pelo Fórum e um projeto de efetivação de mais duas, apoiadas pelo Instituto de Desenvolvimento Social e Ambiental – IDESAB, com sede em Juazeiro, instituto este que faz parte da secretaria executiva do Fórum atualmente.

3. Uma proposta diferente

Diante deste cenário em que se encontra a comunicação alternativa, onde é possível dialogar com seu passado e seu presente neste território, faz necessário elencarmos aqui as perspectivas de futuro diante do que pensa as organizações, o fórum e para onde direciona e está sendo focado o trabalho que vem sendo desenvolvido por estes atores sociais.

Pensando a mídia num contexto de Brasil, onde os grandes meios de comunicação de massa estão concentrados nas mãos de algumas famílias, qualquer movimento que se coloca contra este sistema e ora assume como alternativa, ou uma alternativa, é antes de qualquer coisa um desafio. Esta é a proposta, ser diferente, é a seta de direção que tem buscado e proposto estes novos espaços de comunicação. Para isto os órgãos ,grupos,redes da sociedade civil que lutam pela comunicação como direito humano tem resistido diante do dragão do monopólio midiático e buscado construir espaços dinâmicos e propositivos junto às gestões públicas. Fruto deste trabalho destacamos a realização da I Conferencia de Comunicação ocorrida em 2009, que serviu de fórum maior para debater as questões mais emergentes e possibilitar a troca de experiências ,bem como reunir a esfera da sociedade civil,do poder publico e das empresas privadas.

Deste espaço foi possível reivindicar e pautar as propostas que nunca tinham sido ouvidas ,dos menos favorecidos,dos marginalizados do direito de comunicar-se.Partindo desta conferencia ,o trabalho continuou de forma a pressionar os governos para a execução das propostas em cada região. Na Bahia a sociedade civil organizada por meio de grupos e fóruns mantiveram o trabalho de acompanhamento das demandas junto ao poder publico ,culminando na criação do Conselho estadual de Comunicação. O qual terá como atribuição debater e propor a regularização do sistema de

comunicação no estado, discutindo as concessões e propondo o debate de forma paritária e participativa com as representações sociais. O fórum esteve participando deste processo e está representado.

Na conjuntura local, o fórum está no processo de discussão com os poderes locais para a criação do Conselho Municipal. Além disso tem levantado propostas junto ao conselho diretor do território no sentido de transformarem em políticas públicas para o território.

Neste sentido o fórum enquanto espaço de discussão e proposição, se coloca como um novo espaço na articulação territorial na luta por uma comunicação que seja capaz de incluir os que sempre ficaram à margem do acesso dos meios, além de propor que sejam valorizadas as formas alternativas do povo se comunicar, criando outros espaços e valorizando sua cultura local.

4. Considerações finais:

Poucos são os estudos e produções acadêmicas a este respeito. Ao final deste artigo o que o leitor verá de referências bibliográficas diz respeito a entrevistas e referências institucionais. Apesar de esta disponível em nossas bibliotecas poucas produções sobre Comunicação Alternativa, faz necessário também referenciar neste espaço as instituições locais como protagonistas desta causa, representando as lutas do povo.

A produção deste artigo propõe também que possamos estudar mais e produzir conteúdo sobre esta temática, tendo em vista que a história dos comunicadores populares, das rádios comunitárias, dos fóruns de articulação, estão ainda ocultadas diante a influência da grande mídia, principalmente externa, deixando no anonimato a atuação e o papel social que exerceram e exercem estes autores sociais na luta pela melhoria de vida das classes excluídas e o direito de se comunicarem e comunicar para o mundo.

5. Referências:

Fórum de Comunicação Sertão do São Francisco;

Fonte oral: Entrevista com Raimundo Fábio, comunicador popular e jornalista, 2010;

WWW.IRPAA.ORG.BR